



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LITERATURA E EDUCAÇÃO – DESVELANDO SABERES NA OBRA GRANDE
SERTÃO: VEREDAS À LUZ DA ABORDAGEM FREIREANA

INGRID HUANE SALDANHA

CAICÓ-RN
2010

INGRID HUANE SALDANHA

**LITERATURA E EDUCAÇÃO – DESVELANDO SABERES NA OBRA GRANDE
SERTÃO: VEREDAS À LUZ DA ABORDAGEM FREIREANA**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Ms.. Adailson Tavares de Macedo.

INGRID HUANE SALDANHA

CAICÓ-RN

2010

Catalogação da Publicação na fonte
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro Ensino Superior do Seridó
Biblioteca Setorial de Caicó

Saldanha, Ingrid Huane

Literatura e educação: Desvelando saberes na obra grande sertão: veredas à luz da abordagem freireana. / Ingrid Huane Saldanha. – Caicó: UFRN, 2010.

58f.

Orientador: Adailson Tavares de Macedo (Mr.)

Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Literatura – Monografia. 2. Educação – Monografia. 3. Saberes – Monografia. 4. Sertão – Monografia. 5. Ser-tão – Monografia. I. Saldanha, Ingrid Huane. II. Título.

UFRN/CERES/BS CAICÓ

INGRID HUANE SALDANHA

**LITERATURA E EDUCAÇÃO – DESVELANDO SABERES NA OBRA GRANDE
SERTÃO: VEREDAS Á LUZ DA ABORDAGEM FREIREANA**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Pedagogia,
para a Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Adailson Tavares de Macedo
(Orientador)

Prof. Ms. Célia Maria de Medeiros
(Avaliadora)

Prof. Dr. Walter P. Barbosa Júnior
(Avaliador)

Aprovada em: ____ de _____ de 2010.

**CAICÓ-RN
2010**

Dedico este trabalho:

Aos meus pais:

Ivone Monteiro Saldanha e Humberto de A.Saldanha;

Meus irmãos:

Humberto Filho e Cesar Hudemberg,

Ao meu sobrinho Humbertinho;

As crianças:

pela simplicidade e sabedoria que me transmitem;

A amiga-irmã Nysia Helena

*pela comunhão de almas e partilha plena na
amizade;*

A todos os oprimidos desse país

*que estão à margem da sociedade e aos que não
sabem “ler as letras”, mas lêem a vida e extraem dela o seu
saber [...]*

*Aos artistas, poetas, literatos e aos meus amigos
coralistas do coral Sertãoencanto*

*A colega Josilene Domiciano (Josa) numa cristalina e
saudosa lembrança (in memória);*

A João Guimarães Rosa e Paulo Freire (in memória);

*A todos aqueles que têm compromisso com uma
educação almada, altruísta e essencialmente libertadora;*

Fraternalmente aos amigos da

OFM cap, pela Unidade.

*A F.A.F.C, com alegria, toda ternura do amor Ágape,
fraterno... ∞*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a dona Ivone, manufatureira de sonhos e esperanças; referência de caráter, doação (até mesmo imolação); seta a indicar o caminho da verdadeira Sabedoria, remetendo-me ao AMOR maior - Deus, gênese de minha gratidão!

Registro meus agradecimentos aos meus familiares: minhas tias Ivete e Izélia (madrinha), ao meu tio Djalma que muito me ajudou; a minha prima Ani Sarev e seus filhos: Victor Luís e Luís Henrique.

Agradeço aos amigos: Francisco Lobo Filho (lobinho) e irmão Plínio Lobo;

A minha amiga e sempre irmã: Nysia Helena Macedo Fraga que, mesmo distante (Rio de Janeiro) se fez ainda mais presente!

As amigas Doralice Soares (Natal-Rn) e Maria Rejane da Silva (Recife-PE) que já se fez natalense; manifestando-me um apóio tão belo com suas sábias e doces palavras.

Ao meu “ilustre” amigo Seve Cunha, espaço Corpo mente (Natal-RN) que acreditou e investiu em um dom meu voltado para outra área.

Carinhosamente a amiga Dudu (a quem chamo fada-madrinha!)

Aos meus caríssimos colegas do curso de Pedagogia, minha gratidão; com eles também aprendi muito! As colegas Quitéria, Elisnara e Euzilene pela reciprocidade em dividir as angústias e somar as esperanças nesta reta final.

A Onilda (funcionária deste campus) por não se deixar vencer em generosidade, a refletir as virtudes evangélicas.

Aos Bibliotecários do CERES:

Eliane, pelo apóio e estímulo que me deu. Thiago, por sua nobre colaboração, prestada na conclusão deste trabalho.

De um modo muito especial, expresso minha gratidão, a querida amiga Graça Silva que marcou de forma significativa e positiva esta etapa da minha vida, no cenário deste campus. A ela, o meu eterno carinho e agradecimento, com a reciprocidade da ternura que na mesma encontrei!

A “irmã” Aparecida e Marinilce Brito (DESE) com as quais tive a honra e o imenso prazer de trabalhar.

A João Inácio (funcionário) que muito me causou impressão com suas palavras de acolhida na recepção que me fez, quando cheguei por aqui (Talvez ele nem se lembre!).

Estendo ainda minha gratidão a todos e todas que se empenham em trabalhar neste CERES de forma digna; com ética, retidão, humildade, doação que prezam os valores humanos e emprega-os no cumprimento de seu ofício.

Ao seu José, Alberione, Jair, Jucélio, dona Jandira, dona Lourdes e Dida: obrigada por iluminar os meus dias e me inspirar sempre com um sorriso a me ofertar... Vocês tornaram mais leve e simples o que parece árduo em meio à rotina acadêmica.

Ao professor Ms. Adailson Tavares, registro minha imensurável gratidão, pela paciência, compreensão, generosidade e incentivo.

A professora Dra. Maria de Fátima, minha gratidão. Aos demais professores que integram o corpo docente do curso de Pedagogia, estendo minha gratidão.

A nossa professora e coordenadora de curso Ana Aires, minha gratidão com admiração pelo profissionalismo, competência, doação e ética em sua brilhante atuação.

Ao professor Carlos Wanderlei, sempre tão gentil, atencioso e solícito.

A Walber Silva, por seu contributo na conclusão deste trabalho.

As crianças das ALDEIAS SOS (em especial as do núcleo do Frei Damião) e a todos que estão cumprindo pena no presídio de Caicó, com eles tive a oportunidade de vivenciar uma Pedagogia humana e libertadora!

A amiga Francisca Gomes, com a qual tive a satisfação de trabalhar, exemplo de educadora a lutar em prol da Pedagogia libertadora no PES desta cidade;

A amiga Sarah Dias pelo seu apoio, cumplicidade e generosidade que me oportunizou vivenciar a experiência enriquecedora e determinante nos meandros da Educação-social (PES e ALDEIAS SOS);

Agradeço profundamente a Dom Manuel Delson Pedreira da Cruz, atual bispo desta cidade, [...]

A todas as pessoas que direto ou indiretamente me ajudaram e torceram por mim!

A Divina Ciência e eterna Sapiência:

Gratidão plena ... ∞

Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância.

Paulo Freire

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

João Guimarães Rosa

RESUMO

O presente trabalho estabelece uma aliança entre Educação e Literatura com o objetivo de identificar possíveis saberes e concepções presentes na obra *Grande Sertão: veredas* de João Guimarães Rosa e investigar se há semelhança com os saberes e concepções postulados pela abordagem freireana principalmente, aqueles percorridos na obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* do educador Paulo Freire. Enveredamos na mesma perspectiva do trabalho realizado por Paulo de Tarso Santo em seu ensaio literário o qual, nos norteou na direção almejada, no intuito de ampliar e dá uma nova magnitude ao que Tarso desenvolveu. Assim, contemplamos em nosso trabalho uma análise realizada em uma obra literária à luz da Pedagogia Freireana cujo propósito consiste no desvelar de outros saberes e/ou concepções devidamente fundamentados, articulados e percorridos. Utilizamos na pesquisa os postulados teóricos dos autores Abreu (2006), Brait (1982), Castro (1976), Freire (2005a, 2005b, 1987), Gadotti (1996), Gil (2001), Gonçalves Filho (2000), Lima (1966), Martins (2001), Morin (2001), Perissé (2006), Rodrigues (2010), Rosa (1986), Santos (1978) e Streck (2008). Para o alcance do objetivo proposto neste estudo optamos pela pesquisa do tipo bibliográfica. A análise dos dados revelou que existe uma relação entre estas duas obras em relevo, as quais expressam estes dois campos de conhecimentos, - a Literatura e a Educação. Neste sentido, defende-se que a arte Literária favorece de um modo geral, a formação integral do indivíduo e por sua vez contribui para uma educação com alma.

Palavras-chave: Literatura. Educação. Saberes. Sertão. Ser-tão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I: LITERATURA E EDUCAÇÃO	12
1.1 LITERATURA: UMA DAS VEREDAS DA EDUCAÇÃO.....	16
1.2 A TRAVESSIA PELO GRANDE SERTÃO: VEREDAS	19
2 CAPÍTULO II: DESVELANDO SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO NO GRANDE SERTÃO	24
2.1 GRANDE SERTÃO: VEREDAS SOB A ABORDAGEM DO DIÁLOGO UMA AFLUENTE DA PEDAGOGIA LIBERTADORA	24
2.2 O DESVELAR DE OUTROS SABERES EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS	29
2.2.1 O inacabamento do ser	29
2.3 O SABER ESCUTAR	34
2.3.1 Identidade cultural.....	41
3 CAPÍTULO III: CAMINHANDO COM FREIRE NO SERTÃO	48
3.1 O SER-TÃO E O SER MAIS	48
3.2 A TRAVESSIA DE ROSA E A ANDARILHAGEM DE FREIRE	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A relação entre Literatura e Educação anuncia-se neste trabalho como uma pertinente temática de pesquisa a ser desbravada, a fim de desvelar a aliança entre esses dois campos do conhecimento. Acreditamos que, ao aproximar a Educação da Literatura, esta contribui para uma descoberta de saberes enriquecidos de sentimentos de modo a (re) construir uma educação com alma.

O trabalho de pesquisa desenvolve-se na ponte estabelecida entre a obra literária *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa e os saberes e concepções tratados na abordagem do educador brasileiro Paulo Freire.

O objetivo da pesquisa consiste em desvelar saberes e concepções presentes no enredo literário de *Grande Sertão: veredas* que se assemelham aos saberes e concepções postulados pela pedagogia freireana. Levamos em consideração que a categoria *saber* assume conotação variada na perspectiva da abordagem freireana. Assim, o saber que nos é transmitido na fala do personagem é considerado por Freire um *saber de experiência*, uma vez que na trama literária nos conta suas experiências de vida. No entanto, é a partir dos saberes identificados na fala do personagem-central que iremos desvelar saberes; “ditos eruditos” e articulá-los com a Pedagogia de Paulo freire, tratando-os á luz de sua abordagem. Quanto aos objetivos específicos, estes, integram a perspectiva de ampliar e dar uma nova magnitude ao que Paulo de Tarso (1978) desenvolveu; em seu ensaio literário *O diálogo no Grande Sertão: veredas*. Seguimos nesta mesma direção com o intuito de desvelar outros saberes e concepções freireanos tais como: *o Inacabamento do ser*, *O saber escutar*, *A identidade cultural*, *O Ser mais* e *Andarilhagem*. Por fim, objetivamos de modo específico nomear o conjunto desses saberes de Sertania, porque advindos da Literatura.

A temática justifica-se pelo fato da obra rosiana tratar de temas correspondentes e caros a abordagem freireana tais como: o povo, a cultura e as questões ambivalentes relativas aos conflitos existenciais que perpassam a alma humana.

Com relação a metodologia, esta se insere na perspectiva da pesquisa bibliográfica. Quanto a esta, Gil (2001) assinala que: “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. (Idem, 2001, p.44). Por sua vez os objetivos referentes a tais

propósitos se inserem numa pesquisa de carácter exploratório; o referido autor assinala quanto ao objetivo desta que: [...] “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses.” (Idem, 2001, p.42) No que se refere a abordagem do problema destacamos que esta pesquisa é de natureza qualitativa.

Iniciamos pela leitura da obra clássica *Grande Sertão: veredas*. A seguir, destacamos trechos da fala do personagem-narrador e separamos de acordo com categorias temáticas previamente denominadas, tais como: o sertão, a mística, a fé, filosofia, o amor, etc. Procuramos ainda rastrear sobre as experiências e características do personagem (do que ele gostava; seu comportamento). Num segundo momento, tratamos de avaliar e refletir acerca dos saberes desvelados articulando-os com os saberes postulados na obra *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Neste propósito, aprofundamos sobremaneira a nossa leitura em alguns trabalhos e artigos percorridos acerca da obra *Grande Sertão: veredas*, em que o enredo literário de Paulo de Tarso Santos representou o nosso norte, instigando-nos no desvelo de outros achados com o intuito de ampliar a possibilidade de pesquisar outros saberes e/ou concepções da Pedagogia freireana na obra rosiana.

1. CAPÍTULO : LITERATURA E EDUCAÇÃO

1.1 Literatura: uma das veredas da Educação

O homem constitui o eixo central da literatura clássica, que discorre acerca de temas concernentes à sua existência por meio de textos ficcionais, os quais promovem lucidez ao suscitar reflexões. Assim, quando lemos determinada obra, buscamos vínculos de identificações e passamos a estabelecer uma relação entre esta e nossos dramas existenciais. Este envolvimento com o universo da narrativa literária conduz o leitor a uma maior compreensão de si e do mundo à sua volta, a medida que descobre novos significados sobre a sua natureza histórico-social, conforme afirma Abreu (2006):

As obras literárias conduzem a identificação com personagens e cenas fazendo que, ao final da leitura, sejamos pessoas mais experientes, mais sensatas, mais justas [...] A experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além dos nossos, nosso discernimento acerca da realidade social e humana. (ABREU, 2006, p.81).

É assim que, através das obras literárias tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, pois são verdades da condição humana. Conseqüentemente, isto favorece a articulação entre a densidade do que se manifesta em nossa subjetividade e os fatos que tecem o contexto social, ou seja, o que transcorre como factual na realidade histórica e humana. A este respeito, afirma Gonçalves Filho (2000, p.80): A densidade de uma obra literária se expressa quase sempre pela densidade de nossos dramas sociais e por que não acrescentar, de nossos dramas existenciais e históricos.

Estabelecer uma relação entre literatura e Educação, remete ao fundamento basilar de que, o ser humano é o ser do *logos*, ou seja, da palavra. Nesta direção, Perissé (2006), ao empreender uma analogia de correlação entre palavra, literatura e educação nos diz que, sendo a palavra criadora de mundos a literatura por sua vez é a soma desses mundos, podendo ser vista como um coletivo de sentidos. A palavra, além de criar mundos, é

[...] ativa e ativadora. Com a palavra criamos o passado, o presente, o futuro. A palavra tem o poder de “arrumar”, “organizar” nossa percepção e expressá-la. A palavra dá forma à realidade. Dá realidade a realidade. (PERISSÉ, 2006, p.09)

A literatura é registro, expressão, fonte de sentimentos, meio de apreender o conhecimento, ampliar a consciência e repensar o mundo. A literatura possibilita o ser humano a formar sua visão de mundo, a posicionar-se e atuar no contexto social. Assim, a relação entre literatura e educação estabelece-se, porque ambas transmitem suas idéias, ideologias e saberes por meio da linguagem. Esta tem como matéria prima a palavra que constitui o elemento material do homem para criar, comunicar-se, realizar sua natureza e alcançar suas possibilidades. Decerto, é por meio da palavra literária que poetiza-se e conjectura-se neste exercício, a imaginação se revela, ao colher inspirações. É por esta via que o indivíduo apropria-se da eloquência do texto e aprimora sua sensibilidade.

Edgar Morin (2001) defende que, atualmente, existe uma separação entre a cultura científica e a cultura das humanidades iniciada no século passado e agravada no século XX. O resultado desta separação reflete-se numa Educação que veicula a construção de um conhecimento fragmentado e compartimentado, na configuração de um perfil especializado. Com isto, a interioridade e a sensibilidade do indivíduo ficam esquecidas no curso do processo educativo. Percebe-se que, a dicotomia entre o conhecimento racional e vida sensível se fortalecem, como resultado da super-especialização das disciplinas, exigida pelo mercado de trabalho. Feita as devidas ressalvas, sabe-se que na sociedade neoliberal o ser humano é reduzido a “ser menos” e ter mais. A relação entre ter e ser se estabelece com o imperativo daquele em detrimento deste. Prioriza-se assim, uma educação que prima por resultados materiais e não dá a devida importância em cuidar da subjetividade do ser humano. Todavia, a Educação que cuida do sujeito de forma global, se alimenta também de uma cultura que viabiliza a humanização do ser, tal possibilidade está presente na cultura humanística, porque

A cultura humanística é uma cultura genérica, que, pela via da filosofia, do ensaio, do romance (grifo nosso), alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos (MORIN, 2001. p.17).

É de fundamental importância reconhecer nas artes uma forma de reintegrar e ampliar os saberes como possibilidade de uma educação que concebe o ser humano de forma global. Poderíamos dizer que a Literatura constitui um elo que une as duas culturas (das humanidades e a científica) e que amarra a Educação com laços firmes e seguros, sustentando-a de sentidos. O poder da literatura se institui justamente por ser produtora de conhecimento e de sensibilidade. Numa acepção mais ampla, a literatura se impõe pela beleza de sua arte que possibilita o desvelar da “boniteza” do ato educativo. A sua substância preserva os valores da cultura, alimenta a busca pela humanização do ser humano e conecta na alma valores profundos, ao despertar a sensibilidade.

Assim, o abraço entre a cultura científica e a cultura das humanidades – aqui representada pela literatura, permite a descoberta de uma educação almada (com alma). A literatura revela na pessoa um cosmo repleto de personagens quiméricos, de obediência e de transgressão, de raios de lucidez e de tempestades. O escritor russo Fiódor Mikhailovich Dostoievski (1821-1881) “demonstrou vividamente a complexidade das relações do sujeito com o outro, as instabilidades do ser” (MORIN, 2001. p.44). A relação firmada e alimentada com os bens culturais pode se expressar na aliança estabelecida entre Literatura e Educação. Esta aliança é importante, diz Perissé (2006) porque

Ou a pessoa dialoga com a cultura, com a literatura, com as ‘turas deste mundo’, e se eleva, encontrando em si o melhor e fazendo desse melhor uma pauta de conduta, ou a pessoa passa a caminhar no nível mais horizontal, que tende ao declive, ao infra humano, aos estados infracriadores. (PERISSÉ, 2006, p.59)

Depreende-se que a literatura possibilita uma construção de si por meio da incursão na leitura, em que, imerso no universo ficcional, o leitor vive uma aventura refletida e dialogal. Nessa perspectiva, o indivíduo dialoga consigo num exercício formador eficaz, em que ocorre a conjugação entre a subjetividade e a objetividade; de modo a constituir uma universalidade. Isto culmina com múltiplas descobertas e aprendizagens.

A leitura como exercício dialogal promove a lucidez por meio da descoberta da realidade humana, intensifica o existir, por meio da capacidade de pensar, imaginar, intuir, lembrar. A “incompreensível” condição humana aclara-se por meio

da literatura, onde temas vitais são captados a partir do interior de uma obra. Nesta, ilustra-se o quadro da existência humana formado por personagens, por aliterações e rimas de uma poesia – parte da literatura – das imagens descritas pelas palavras, pelo sofrimento de um ser ficcional ou pela alegria de uma criança que passa brincando no texto diante dos olhos do leitor. Por produzir tal efeito é que esta arte consegue revolver “as águas paradas” do nosso interior, de onde faz emergir sentimentos que despertam a imaginação e ativa a nossa capacidade de sonhar, sem perder de vista o real. Podemos dizer que, ao explorar a leitura de uma obra, tudo que vem a fluir em nosso ser nos conduz ao achado de novas certezas.

Nesta vertente, o hábito de exercer a leitura de literatura como processo de interiorização em que o sujeito dialoga consigo mesmo constitui-se num verdadeiro legado para a Educação do indivíduo. Este, enquanto ser humano, se percebe inacabado, por isso deve buscar meios educativos a fim de desenvolver-se e expandir-se. Pode ser conduzido a descobrir que, é através da produção cultural que está às necessárias possibilidades de alcançar sua condição de ser mais.

Desse ponto de vista, o ato educativo toma uma proporção mais ampla, uma vez que, educar não se resume a instruir ou adestrar. É antes, de tudo, desvelar a alma, sem que pra isto, precise negligenciar a cultura científica. Contempla-se a Educação global como possibilidade que vislumbra o indivíduo em várias dimensões. A Literatura traz em sua essência essa proposta por acreditar que o contato com o universo desta arte pode levar o leitor a um nível maior de autoconhecimento; dotá-lo de uma melhor expressividade verbal; além de promover uma percepção mais aguçada acerca de si, dos outros e do mundo.

O sujeito que é levado por inquietações interiores e indagações recorre à leitura de literatura como uma forma complementar e prazerosa de educar-se. Nisto, busca descobrir saberes que possam responder às suas indagações bem como agregar valores a sua natureza humana. Nesse propósito, acaba fazendo da educação uma reescrita de si, uma vez que a vida e a literatura se interpenetram. Com isto, o indivíduo desenvolve a capacidade de reflexão e passa a estabelecer nexos de significados entre a oposição de temas vitais que dizem respeito aos dilemas humanos. A literatura permite redimensionar a vida, habilitando o indivíduo a lidar melhor com questões contrastantes, que são inerentes à condição humana e estão presentes no contexto existencial. Desta forma, a literatura possibilita uma

leitura de mundo de forma poética. Somente essa leitura viva, apaixonada e vivificadora, afirma Perissé (2006)

[...] conduz a um pensar que integra o desintegrado, faz conexões entre os opostos, descobre (talvez invente...) nexos entre realidades afins ou contrastantes. Nexos, por exemplo, entre alegria e dor, entre saudade e desespero, entre sexualidade e divindade, entre magia e tecnologia, entre literatura e educação [...] (PERISSÉ, 2006, p.71)

Ao conceber a Educação, sob a perspectiva de humanização do ser, entende-se o papel determinante que a literatura exerce enquanto instância educativa e formativa. A literatura representa uma das mais ricas dimensões da cultura; por ser formadora de valores e está a serviço da educação do homem, ela constitui-se numa grande reserva cultural, ideal para alimentar a formação humana. Por isso é que, a literatura não deve ser esquecida pela educação, pois o seu papel compreende um conhecimento historicamente produzido. A mesma ocupa, na prática cultural, um lugar privilegiado significando uma forma de exercício que responde as inquietações e perplexidades da condição humana.

Nesse sentido, a literatura pode ser considerada um veículo de formação humanizador, porque no enredo de uma obra ficcional, encontram-se os instrumentos de reflexão que fazem parte do nosso ser universal comum, tais como: a dor, o amor, a solidão, o medo, os valores humanos e outras questões imanentes a natureza humana, sobre as quais a substância literária versa de forma criativa e instigadora.

É preciso atentar para uma Educação com alma, a qual cuida do ser humano considerando-o uma obra de arte inacabada; este propósito revela-se como riqueza, consoante as multiplicidade das dimensões que apresenta e sugere. Nesta perspectiva a Literatura é concebida como uma rica proposta que se abre a vastas possibilidades de compreensão acerca da realidade humana. Além de desvelar a alma, a arte literária, em sua feitura peculiar, concede ao leitor múltiplas vantagens tais como: capacidade de concentração, ampliação da consciência; maior capacidade de realizar escolhas; discernimento acerca de fatos e acontecimentos; além de aumentar a percepção do sujeito sobre si mesmo, o mundo e o outro.

Ademais, favorece uma capacidade singular de estabelecer juízos de valor, pelo fato de desenvolver um modo de pensar de maneira relacional. Possibilita ainda

concatenar e ampliar melhor os saberes, deste feito aprimora o sujeito em muitas dimensões. Em virtude de tais perspectivas, o indivíduo passa a entender a realidade em diferentes níveis, a partir de um ponto de vista descentrado que a arte literária favorece.

Um dos objetivos da educação é despertar a capacidade que o ser humano tem de descobrir novos horizontes, de inovar, de alimentar o fogo da esperança, de anunciar e denunciar, de descobrir novas possibilidades, de ler o mundo. Diante disso, a literatura pode estar no cerne da prática docente, porque ela também se presta a esse papel, desde que não se limite ao exercício exploratório, informativo e obrigatório, mas a uma leitura inteligente e amorosa do texto. Assim, no âmbito educativo a literatura pode ser vista como uma vereda que deveria ser muito bem aproveitada. Cabe à Educação fazer uma intensa chamada para que se observe agudamente a forma literária de dizer as coisas da vida ao lado do conhecimento científico. Pode-se dizer com veemência que a Literatura é um amparo lírico e poético indispensável das questões concretas.

A intenção de propor uma aliança entre literatura e educação se pauta na tentativa de contrapor-se bem como, ultrapassar uma perspectiva performativa e instrumental de educação, face a uma pedagogia seduzida ou subestimada pelo discurso da sociedade capitalista. Contrapor-se a isto, é tentar sugerir um reencantamento do discurso pedagógico por meio da renovação de um ideal de Educação, enquanto auto-subjetivação, autoconstrução do sujeito e transformação da sociedade. Com esse intuito tenta-se combater a unidimensionalidade da educação, uma vez que, a literatura, por ser uma instância educativa, possibilita encontrar meios e formas de pensar os saberes necessários à prática pedagógica.

O ato educativo através da arte, em especial a literatura, aponta uma direção que permite uma redescoberta da educação enquanto processo formador encharcado de sentimento que viabiliza meios e fins humanizadores. Nesta direção, tem-se uma proposta de educação em sentido integral que remete o homem ao seu caráter de transcendência, próprio da condição humana.

Importa saber que a vereda literária não envelhece, resiste às ameaças do tempo e do espaço; consiste numa orientação pertinente para a descoberta de novos rumos na educação. Pela sua marca imperecível e transgressora da realidade, a Literatura faz com que a humanização do ser humano seja possível,

através de um desvelar da alma que brota do cenário da existência em consonância com a arte literária.

Face ao estudo de uma determinada obra, devemos levar em conta que toda narrativa literária pode ser lida a partir do pressuposto de que ela contém sempre um ensinamento em suas entrelinhas; ainda que nisto esteja longe de esgotar todas as suas possibilidades de apreensão acerca de outros possíveis saberes e outras tantas dimensões.

No que tange ao caráter pedagógico de qualquer obra de ficção, ressaltamos que este é um efeito de leitura que dependerá da perspicácia e da intencionalidade do leitor; aspectos que o tornará capaz de explorar aquilo que deseja. Assim, a intenção do leitor na escolha da obra a ser lida, bem como o conhecimento prévio, são pontuados como fatores determinantes num propósito de leitura.

É imprescindível descobrir a importância da literatura para a educação, como forma de aprofundamento do ser, de enriquecimento intelectual e ético, de cultivo da sensibilidade, da imaginação e da humanização. Tudo isto nos conduz à descoberta de outra dimensão mais profunda e inegável do ser – a alma. Esta se reflete e é refletida na Literatura onde a mesma tece com os fios de sua linguagem eloqüente, bem como poética as nuances de saberes e valores; sabiamente velados. De forma magistral, esta arte, se insinua ao leitor, convida-o a fazer descobertas, de modo a se reconhecer, à medida que adentra em seu enredo mágico e envolvente. Só alguém que se decide pela aventura de ler é quem pode anelar a descoberta de tais valores e saberes; convencendo-se de que a Literatura constitui-se, por excelência, em uma instância educativa. Cabe ao indivíduo decidir-se por realizar este percurso de enriquecedoras e inusitadas descobertas, apontado por uma vereda singular – a da Literatura. É neste universo ficcional de multiperspectivas que o leitor, talvez, sem se dá conta, desbrava seu próprio mundo interior; ao realizar uma espécie de travessia humana, cujo benefício se endereça a ele próprio e repercute na sua Educação como um todo. Isto contribui de forma eficaz com o seu processo de autoconstrução. Por meio desta possibilidade, o indivíduo ao imergir, com sua insegurança existencial, na fonte da Literatura; não é mais o mesmo após, pois emerge dessa experiência com a leitura inovado de segurança para atravessar com passos firmes o largo caminho da Educação. Esta, apesar de tantas incertezas e desafios, retorna sempre ao antigo rumo: humanizar o

indivíduo ontologicamente convocado a ser humano e a empreender sentido naquilo que realiza.

Defendemos que, a Educação deveria incidir seus holofotes (luzes de compreensão) sobre a Literatura, dá espaço para que a mesma protagonize o seu ato cênico educativo em cada indivíduo. Ela não precisa de muito esforço para convencer os sujeitos de quão importante é a sua arte e o seu papel. Não só para o palco (âmbito) da Educação, mas, principalmente, para a vida do indivíduo em sua globalidade. A Literatura não quer roubar ou tirar o conhecimento científico de cena, mas apenas criar uma sinergia, uma parceria; estabelecer uma relação mútua e enriquecedora entre esses dois campos de conhecimentos, a fim de contribuir com uma educação essencialmente humanizadora.

1.1. A Travessia pelo Grande Sertão: veredas

A obra Grande sertão: veredas foi escrita em 1956, por João Guimarães Rosa (1908-1967), um dos maiores expoentes da literatura clássica brasileira. O autor nasceu em Codisburgo, cidade do interior de Minas Gerais. Formou-se em Medicina e tornou-se um grande escritor. Publicou várias obras, dentre elas destacam-se: Contos, Sagarana (1946); Corpo de baile (1956); Primeiras Histórias (1962); Tutaméia – Terceiras Estórias (1969); Ave, Palavra (1970) e o presente romance em foco.

Grande sertão: veredas é considerada uma das mais importantes obras da literatura brasileira. Seu gênero se enquadra na categoria de romance épico, regionalista e psicológico. Possui uma constituição complexa, original e densa. De imediato, chama atenção pela ausência de capítulos – a estória é de uma densidade e fluidez que mais parece uma correnteza a arrastar o leitor para dentro de um universo mágico e envolvente, o que causa forte impressão no leitor.

A linguagem deste romance causa súbito impacto, pois se revela como elemento enigmático na composição de seu enredo. Com isto, o autor consegue um efeito peculiar que instiga a curiosidade, ocasionando certa reação de perplexidade. Rosa, magistralmente, provoca uma verdadeira revolução lingüística, ao mesclar o vocabulário regional da fala típica de pessoas simples do sertão, com o que há de erudito e do arcaísmo da língua portuguesa. Os neologismos e os recursos

estilísticos extrapolam as possibilidades de uso da Língua Portuguesa o que causa a impressão de criação de um novo idioma.

Guimarães Rosa (1986) faz uma recriação da linguagem, de forma criativa e genial o que possibilita maior grandeza ao discurso. A temática desta obra é o sertão, mas, um sertão captado e vivenciado a partir da perspectiva do interior do homem, seus sentimentos e emoções, sua subjetividade e sua psique. As questões versadas na narrativa dizem respeito a temas vitais, tais como: amor e o ódio, Deus e o diabo, alegria e solidão, medo e coragem, bem e mau. Essas questões perpassam as ações e o interior do homem, mostrando os aspectos conflitantes e multifacetados que permeiam a existência humana.

Todas as emoções e sentimentos antagônicos são tratados em forma de prosa, onde o autor toma como pretexto uma história de jagunços¹ – a qual acaba ganhando uma magnitude universal. Neste sentido, o sertanejo não é visto simplesmente como o ser humano rústico que povoa essa região do Brasil, uma vez que seu conceito é ampliado: ele é o próprio ser humano com o qual nos identificamos pelo fato de conviver com problemas de ordem universal e eterna.

O tempo utilizado para narrar e marcar a narrativa não é linear como na maioria dos romances, ou seja, não há uma ordem cronológica na contação da estória. Neste caso, o tempo é considerado psicológico, porque é o próprio personagem quem o determina; tomando por base de suas lembranças, sentimentos e emoções acerca dos quais faz muitas digressões, indo e voltando do remoto ao recente.

A obra apresenta um narrador-personagem em primeira pessoa com a utilização do discurso direto e indireto livre em que o personagem central, Riobaldo, desenvolve um diálogo-monólogo com um interlocutor que não interage no discurso. A narrativa longa torna o enredo uma espécie de labirinto.

Num panorama geral, o espaço da obra é o sertão. O cenário onde se passa a trama está representado numa geografia que compreende os seguintes estados: norte de Minas Gerais, sul da Bahia e Goiás. No entanto, por se tratar de uma narrativa densa, permeada de reflexões, abstrações, devaneios e divagações, essas características fazem a obra ganhar um caráter universal deixando subentendido que: "o Sertão é o mundo".

¹ Sertanejo integrado num grupo, bandoleiro, valentão assalariado.

O personagem principal do Grande sertão é Riobaldo. Outros personagens realizam a travessia pelas veredas das “terras dos gerais”: Diadorim, Sô Candelário, Zé Bebelo, Joca Ramiro, Compadre Quelemém, Hermógenes e Ricardão.

Riobaldo é personagem-narrador que conta sua história de vida a um doutor anônimo que nunca aparece, ficando envolto no mistério, à sombra de Riobaldo. Há uma explicação quanto ao nome deste. Rosa criou intencionalmente este nome a partir da junção da palavra Rio (o que está no centro) mais a palavra baldo (o que está a margem) o dá um sentido metafórico e ambíguo a este misterioso personagem. Depreende-se que, Riobaldo tem uma necessidade de narrar, contar a sua história de vida, a fim de entendê-la melhor e realizar assim, uma catarse (libertação) e uma autotransformação.

O jagunço deixa claro na sua fala que sente dificuldade em narrar, seja por sua precariedade em ordenar os fatos, seja por sua dificuldade em entendê-los. Mesmo assim, segue em frente e relata sua infância, a breve carreira de professor, suas aventuras amorosas, até chegar ao momento crucial da sua entrada na arte da jagunçagem. Começa então a desenrolar os fatos, acerca de suas conquistas em guerra e sua travessia pelo sertão, onde se revela um exímio atirador. O personagem acaba se revelando um filósofo a partir da reflexão sobre a vida e de si mesmo. Suas inquições giram em torno de questões míticas, de ordem espiritual, cuja preocupação maior é saber se o Diabo existe.

Diadorim representa o amor impossível, proibido. Em torno dele se dá um mistério porque o mesmo é uma mulher (Maria Deodorina) que cresce como homem sem ninguém saber. Sua falsa identidade é conhecida como jagunço Reinaldo. Apenas no desfecho da trama, quando este personagem morre, é que é desvendado o seu mistério, descobre-se que Reinaldo é uma mulher.

Zé Bebelo é um personagem que se apegava à idéia de acabar com os jagunços, na verdade ele é motivado por seus anseios políticos de estabelecer a ordem e paz no Grande sertão.

Joca Ramiro representa o maior chefe dos jagunços. É admirado e respeitado por todos, simboliza o senso de justiça e liderança.

Medeiro Vaz é um notável chefe de jagunços que se une ao bando de Joca Ramiro a fim de combater a facção opositora – Hermógenes e Ricardão – com quem travam uma guerra significativa.

Hermógenes e Ricardão são parceiros e representam a oposição. São chamados de Judas porque traíram e mataram Joca Ramiro. Os jagunços acreditavam que Hermógenes havia feito um pacto com o demônio e não poderia morrer em combate. No entanto, ocorre o contrário.

Só Candelário é outro renomado chefe que se agrega ao bando de Joca Ramiro para ajudar na vingança da morte deste. Seu grande temor era o de contrair lepra;

Quelemém de Goiás era o compadre e confidente de Riobaldo, uma espécie de orientador espiritual que o ajuda em suas dúvidas existenciais, face às inquietações manifestas acerca do homem e o mundo.

Os referidos personagens compõem a trama narrada pelo personagem Riobaldo em um diálogo-monólogo, que justifica a idéia de filósofo jagunço ao contar suas aventuras pelo sertão a um ouvinte mais letrado do que ele. Assim, Riobaldo durante três dias, relata as suas estórias repletas de episódios de lutas e combates entre bandos rivais de jagunços e as forças repressoras oficiais. O personagem-narrador passa a idéia de que é obcecado por questões existências e míticas e suas principais preocupações consistem em saber se o diabo existe, se vendeu mesmo a sua alma e a relação ambígua e afetiva que nutre por Diadorim, pois acredita que o mesmo é um homem.

Riobaldo é um homem de muitos medos e não sabia como enfrentá-los nem tampouco superá-los. Na infância conhece Diadorim e vê neste a personificação da coragem. Depois de adulto, reencontra-o e decide segui-lo integrando-se ao sistema jagunço. A partir deste fato, surge entre os dois uma forte e terna amizade alicerçada em total lealdade. Tornam-se companheiros inseparáveis de luta e Reinaldo revela seu verdadeiro nome Diadorim. Com este, Riobaldo aprende a admirar a natureza, e os dois, em alguns episódios, se esquivam do bando para desfrutar momentos bucólicos, contemplando a fauna e a flora. Riobaldo é tomado de culpa por acreditar que ama Diadorim e encontra no compadre Quelemém de Goiás apoio e conselhos espirituais.

A grande revelação do romance se dá quando Diadorim enfrenta Hermógenes. Ambos morrem em combate, nisto Riobaldo descobre então que o companheiro jagunço era na verdade uma linda mulher por nome de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. Para maior surpresa, esta, era filha do líder dos jagunços Joca Ramiro.

Ao término das aventuras, face à descoberta inusitada, Riobaldo adoece. Ao recuperar-se, recebe a notícia da morte de seu padrinho e herda as duas fazendas. A vida de fazendeiro anuncia o fim do jagunço e inaugura-se uma nova fase de sua vida. À medida que leva uma vida pacata e estável dedica-se a fazer reflexões na maior parte do tempo. Aprofunda então uma questão intrigante que o acompanha: teria ele vendido a alma ao Demônio?

A educação por meio da literatura possibilita ao leitor identificar-se com os diversos aspectos da existência humana, advindas dos personagens da obra literária, o que favorece o desvelar da alma ao realizar a travessia da leitura e das experiências educativas fundamentada na dialogicidade como forma de conhecer a si, o outro e o mundo. A obra *Grande sertão: veredas* desvela saberes necessários à prática educativa que mostram um ser humano inacabado em busca de sua identidade cultural pelas veredas do Grande sertão.

2. CAPÍTULO : DESVELANDO SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO NO GRANDE SERTÃO

2.1 Grande Sertão: veredas sob a abordagem do diálogo, uma afluyente da Pedagogia libertadora

A pedagogia freireana defende que a pesquisa cultural está na base das preocupações de todo educador e deve constituir-se como condição prévia para que este desenvolva o seu trabalho. Nesse sentido, entende-se a sugestão que o educador Paulo Freire fez a Paulo de Tarso Santos (1926), ministro da educação do governo do presidente João Goulart (1961-1964) para que o mesmo lesse e, possivelmente, empreendesse um estudo da obra Grande sertão: veredas. Santos confessa:

[...] Dele recebi, de presente, o livro de Guimarães Rosa Grande sertão: veredas, cuja leitura, atenta e renovada, tanto me impressionou que cheguei a escrever um livro sobre o Grande sertão; fiz questão de afirmar na introdução: “devo a sugestão da primeira leitura (do Grande sertão) ao professor Paulo Freire”. (GADOTTI, 1997 apud SANTOS, p.178).

Após acatar a sugestão, Santos(1978) tomou a obra Grande sertão: veredas como objeto de análise empreendendo a exploração literária, estudada à luz da pedagogia freireana, com o intuito de desvelar as seguintes categorias: a consciência de si, a consciência do outro e a consciência de mundo. Num estudo meticuloso encontrou estas categorias teóricas presentes na fala do personagem Riobaldo. Por conseguinte, fez uma outra descoberta ao identificar no enredo literário, semelhança com a *Utopia* de Thomas Morus ²(1478-1535), adotou-a como outra categoria teórica, prefigurada no personagem ao longo da trama e agregou-a como parte do seu trabalho no capítulo denominado de *Utopia e Contra-utopia*. Movido pelo entusiasmo de uma leitura perspicaz, fichou o livro de acordo com as categorias referidas e, aos poucos, debatia com Paulo Freire.

O trecho da obra rosiana: “o senhor me ouve, pensa e repensa e rediz e então me ajuda” (ROSA, 1970, p.96) fornece o ponto de partida necessário à interpretação de Santos que ao decodificá-lo encontra semelhança com a teoria do

² Escritor, diplomata e advogado inglês.

diálogo. Assim, o mecanismo e o objetivo que subjaz o diálogo estão magistralmente contidos nas entrelinhas do referido fragmento do texto.

Santos desenvolveu uma síntese da obra rosiana na forma de ensaio literário, cujo tema intitula-se: *O diálogo no Grande sertão: veredas*. Demonstra vivamente o seu entusiasmo face às suas descobertas que logrou-lhe amplas perspectivas de compreensão. Ressalta que sua atitude frente ao Grande sertão: veredas foi a de quem “havia encontrado um imenso filão para o estudo da cultura, especialmente, no tocante a uma parcela da população brasileira” (Santos, 1978, p.4); o que proporcionaria grande contributo à Educação.

Segundo o autor do referido ensaio literário, o objetivo do seu trabalho consiste em “suscitar o interesse pelo estudo do encontro, em processo dialógico, da cultura de Rosa, com a cultura do sertanejo, especialmente, como expressa nas lutas de jagunço”. (SANTOS, 1978, p.9). Argumenta que, é por meio dessa dialogicidade que se dá o encontro entre o personagem central Riobaldo e o autor Guimarães Rosa, culminando com o intercâmbio entre sua culturas. Nesta perspectiva, o autor de *O diálogo no Grande sertão: veredas* é categórico ao defender, a partir de sua análise, que a obra rosiana é este diálogo.

O resultado do trabalho de Santos (1978) leva-o a reconhecer Guimarães Rosa como um pesquisador temático genial e metódico que teria baseado sua obra em prévio e amplo estudo empírico. Nisto constatou uma estrita relação básica entre este singular literato (Guimarães Rosa) e o educador (Paulo Freire) que defende a pesquisa cultural referente ao contexto de vida do indivíduo, fazendo-se imprescindível ao Educador.

Para Santos (1978) o diálogo constitui o elemento favorecedor que determina a confiança nesta relação de amizade que, aos poucos, firma-se entre Riobaldo e Rosa. Com isto solidifica-se uma amizade que, com base na narrativa do personagem, possibilita amplas descobertas. Nesta fluência, firma-se gradativamente um diálogo que ganha força representando, uma espécie de intercâmbio entre suas duas culturas, a rural (Riobaldo) e a urbana (Rosa).

Instigado por essa descoberta, Santos (1978) adota a teoria do diálogo como cerne do seu trabalho sustentando-a sob o pressuposto da antropologia da convivência ou antropologia cultural. Deixa claro que, por antropologia da convivência entende-se o estudo do próprio homem, enquanto “ser de relações”. É nesta perspectiva que toda convivência é o encontro de duas culturas ou de duas

histórias diferentes que tendem a síntese por meio do diálogo. Para dar sustentabilidade a teoria do diálogo, Santos estrutura o seu ensaio literário em citações extraídas da obra *Grande Sertão: veredas* e ordena-as nos seguintes capítulos: o *monólogo dialógico de Riobaldo (antropologia da convivência)*; a consciência de si, a consciência do outro; a consciência do mundo e Utopia e contra-utopia. Estas concepções constituem o alicerce do seu trabalho.

O monólogo dialógico de Riobaldo (antropologia da convivência) integra o capítulo II, representando o bordão do ensaio literário de Santos, em que ele apresenta-nos essa perspectiva ao afirmar que, “a trama literária do *Grande Sertão* envolve, na verdade um claro diálogo do personagem-símbolo com o autor da obra.” (Idem, 1978, p.11) Santos defende o argumento de que, “Rosa não fala, mas sua palavra, expressão erudita de sua cultura, aparece sintetizada nas falas de Riobaldo”. (Idem, 1978, p.11) Nesta direção, o referido autor nos remete a narração de Riobaldo indicando o trecho que sinaliza para nós esse modelo de diálogo, que segundo Santos, significa a visão de vida de Rosa. Para dar suporte ao argumento do monólogo dialógico, ressalta o trecho (com grifos seus) em que os elementos desse diálogo se fazem presentes: “Sendo isto ao doido doideira digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, *o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz e então me ajuda* (grifo nosso).” (ROSA, 1967, p.96)

Santos (1978) nos dá a conhecer que a *consciência de si* é vislumbrada em muitos dos recortes da fala do personagem quando este através de sua narrativa demonstra ser consciente de si sob vários aspectos. Assim, em primeira instância, o personagem revela-se ciente de suas virtudes humanas, ao reconhecer-se como homem bom. A *consciência de si* é ilustrada por Santos na seguinte passagem: O senhor aprende? Eu então mal. Não por boca de ruindade, lá como quem diz. Sou ruim não, sou homem de gostar dos outros, quando não me aperreiam; sou de tolerar. (ROSA, 1970, p.169)

Ao percorrer acerca da *consciência do outro*, Santos (1978) assegura que, “Riobaldo possui aguda consciência do outro bem como de sua condição de sujeito face ao mundo; o que o torna diferente dos demais sujeitos que se movimentam na trama do livro.” (SANTOS, 1978, p.29). Esta consciência do outro é também identificada por Santos em seu trabalho, com relação a dois personagens que compõem as principais faces amorosas da história de Riobaldo. Quanto a isto ele diz que, “Riobaldo emigra constantemente de si em favor de Diadorim e Octacília”

[...] (SANTOS, 1978, p.29) Neste sentido remete ao que diz Riobaldo ao lembrar que “coração mistura amores”. (ROSA, 1967, p.179)

A respeito da consciência de mundo, Santos diz que, “com Riobaldo o sertão se faz estória, sem deixar de ser sertão” (Idem, 1978, p33). Salienta que em todas as menções que o personagem faz sobre o sertão, este, surge em sua condição de mito, de coisa vaga e abstrata. Nesse sentido o que Riobaldo conhece sobre o seu mundo é definido por ele apenas como uma pequena parte (“só estas veredas, veredazinhas”).

Santos (1978) ressalta que o personagem apresenta a consciência de mundo na forma de sertão desafio, sertão livre e sertão lindo. É o que se observa através de sua fala, ao narrar sobre seu universo, seu entorno, seu contexto de sertanejo. Em sua percepção, o personagem tenta apropriar-se da definição mais precisa sobre o que venha a ser o sertão, captado por sua subjetividade. No entanto, tudo parece que lhe escapa. O que Santos (1978) nos mostra é que, Riobaldo adquire a *consciência de mundo* ao se relacionar de forma intensa com o seu mundo cujas belezas aprendeu a apreciar com Diadorim.

Assim, nos intera que, as referências ao sertão se multiplicam; sinalizando que o narrador é movido por um desejo recorrente de definir; não só para o seu interlocutor, mas também para si mesmo sobre como é esse Sertão. Ao dizer “o sertão está em toda parte. O sertão é dentro da gente” (SANTOS, 1978, p.34). dá-nos a impressão que um clima de mistério envolve sempre as referências de Riobaldo que se transfigura em símbolo do mundo.

No que tange a Utopia e contra-Utopia, diz respeito à descoberta dos aspectos de quimera e fantasia presentes em Grande sertão: veredas característicos da obra Utopia, do autor Morus. Nesta vertente, Santos, discorre acerca das peculiaridades da obra Utopia e seus aspectos mais relevantes, mostrando-nos o que vem a ser um ideal utópico relacionando com o que há de comum com enredo rosiano. Traça outro paralelo com a questão do Demônio na trama de Grande Sertão e o Demônio tratado em Utopia. Ressalta que, na obra clássica de Morus, “o orgulho aparece como o ‘Demônio infernal,’ ‘senhor e pai de todo o mal’”, (SANTOS, 1978, p.37) ao passo que, em Grande sertão: veredas o Demônio está referenciando no pacto que o personagem Riobaldo firma para vencer o seu medo e obter combate vitorioso.

Ressalta, ainda como sinais de Utopia presentes na obra rosiana, a questão referente à moralística (em Morus existia um ideal de sociedade perfeita). De acordo com Santos (1978) o próprio Riobaldo chega a expressar seu desejo utópico ao afirmar que, “vida devia ser como sala de teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto o seu papel, desempenho. Era o que eu acho. É o que eu achava”. (ROSA, 1967, p.44)

Santos (1978) ao arrematar o seu ensaio literário nos afirma que, “na tríplice tomada de *consciência - de si, do outro e do mundo* o Grande Sertão se transforma, assim, na biografia libertadora de Riobaldo” (Idem, 1978, p46). Conforme vemos, estas concepções identificadas por Santos estão personificadas no personagem-narrador, possibilitando ao mesmo se “desalienar do medo e do mito”. Portanto, ao nos remetermos mais uma vez ao fio temático do autor de *O diálogo no Grande sertão*: veredas nos certificamos de que Santos estudou de fato a obra rosiana sob a perspectiva do Diálogo.

2.1 O DESVELAR DE OUTROS SABERES EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

2.1.1 O inacabamento do ser

Riobaldo, personagem-narrador, por ser um ser de relações, sente necessidade de comunicar-se e por isso narra a sua história, interfere no mundo, no seu contexto. Por possuir consciência de si e do outro, no confronto dos seus relacionamentos humanos, adquire consciência também de sua natureza inacabada. Riobaldo, movido por suas inquietações, inclusive por se sentir inacabado, sente a necessidade de reviver o seu passado, evocando-o em suas lembranças. No intuito de identificar na fala de Riobaldo o inacabamento do ser, percorremos com o personagem através de sua narrativa, o trajeto que ele faz no território de suas lembranças, emoções e sentimentos. Constatamos que o personagem-narrador é movido pela necessidade de entender o seu passado, de uma busca pelo sentido da vida e de entender as razões que motivam os seus próprios atos.

O inacabamento do ser nos leva a busca do *ser mais*. Riobaldo adquire consciência desta possibilidade e sente que precisa realizar esta Travessia em sua memória. Movido pela dúvida, expressa seus questionamentos e ao sentir a necessidade de falar, faz uma auto-análise, posto que, ao contar acerca do que lhe angustia, o personagem-narrador realiza uma liberação interior, uma espécie de catarse. Desta forma, personifica-se um ser que vai se educando, adquirindo cada vez mais consciência. Conforme discorreu Castro (1976) acerca de Grande Sertão veredas:

[...] a vida é uma travessia dentro da paisagem da totalidade do Real. A travessia torna-se a procura pelo "homem humano" [...], da totalidade do real a partir da dúvida, que se concretiza na pergunta, uma vez que só pergunta quem sabe. (CASTRO, 1976, p.44)

A busca pela realização desta travessia torna-se uma necessidade vital para o personagem, quando este se reconhece como um ser de limitações e por isso inacabado. Estes fatores constituem-se em motivação para a conquista do seu autoconhecimento e por acreditar na possibilidade do

seu crescimento humano, de sua transcendência à condição de jagunço; pois demonstra, no decorrer da trama, uma preocupação recorrente quanto a este aspecto.

Riobaldo, ao traçar o perfil das pessoas do seu entorno, no relato de episódios que compõem a sua história, tenta descrever para o seu interlocutor quem são e como se comportam seus companheiros. Face a isso, contempla as mudanças operadas em cada um pela vida; seja em decorrência de um fato ou mesmo porque conclui em suas abstrações que, tudo e todos estão mesmo sujeito a mudanças. Ao intuir que existem mudanças o tempo todo acontecendo e que o homem também muda, constata que “as pessoas não estão sempre iguais, afinam ou desafinam.” (ROSA, 1986, p. 21) Conclui para si, está diante de uma “verdade maior”. Assim, Riobaldo é categórico ao defender, apoiado nas suas observações que:

O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam verdade maior. É o que a vida me ensinou. (ROSA, 1986, p.21)

No trecho acima, desvela-se o inacabamento do ser, enaltecidos na fala de Riobaldo que, dada as suas observações fortuitas se coloca na posição de aprendiz da própria vida para apreender da realidade questões como: o inacabamento do ser e a diversidade que há nas relações entre as pessoas.

Percebemos que o achado dos saberes investigados emerge nas sutilezas das entrelinhas, ressaltando-se neste fragmento da narrativa de forma poética e lírica. Com este intuito, o autor dota à alma de um simples jagunço de sensibilidade, o que torna Riobaldo um ser crítico-reflexivo; condição que o possibilita extrair uma *sabedoria* de vida de forma singular; colhida a partir de suas experiências de sertanejo. Riobaldo tem a capacidade de captar a essência de cada um e reconhecer que o ser humano está em constante processo de mudança e constituição. É isto que o caracteriza como um sujeito em perene busca, resultante das mudanças que são inerentes a vida. Por esta razão, Riobaldo mostra-se consciente acerca do seu

inacabamento e tenta superar-se, e empreender esforços na conquista do *ser mais*.

É com base nestes achados que podemos atestar que o personagem-narrador é dotado de uma consciência de si, de uma consciência do outro e da consciência do mundo que o cerca. Quanto a isto, Santos (1978) já corroborou para nós. Assim, estas três dimensões da consciência, encontradas em Riobaldo, constituem-se em pilares essenciais que dão suporte ao seu ser pessoa e o distingue dos demais companheiros. É o que assinala a marca singular de sua individualidade, além de determinar-se enquanto pressupostos, que o conduz na direção da descoberta do inacabamento do ser. Isto nos permite ir de encontro ao que Freire vem nos dizer a respeito: “[...] a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo de busca.” (FREIRE, 2005, p.55)

Podemos dizer que, estes aspectos salientados é o que permite Riobaldo ampliar sua consciência, viabilizando o exercício da suas reflexões nas três dimensões, ora referenciadas. Por esta vertente, o personagem apreende saberes essenciais, ao partir de si mesmo, enquanto ser que reflete face as suas experiências de vida.

Nesta perspectiva, Riobaldo cômico do seu inacabamento, está em busca de aprender com sua história de vida, ao extrair a sabedoria dos fatos uma vez que nada lhe passa despercebido. Riobaldo não se dá por satisfeito com as respostas obtidas, o que nos remete as palavras de Freire ao dizer que: “o homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta.” (FREIRE, 1987, p.28). O personagem-central da obra rosiana, transfigura essa consciência e também busca na mística, nos seus questionamentos espirituais e filosóficos algo a mais para a constituição do seu ser.

Percebemos que o personagem-narrador se volta para questões complexas perpassadas por uma preocupação existencial que assume uma vital importância para ele. Neste sentido, aportamos o desvelo do inacabamento do ser no que postula Freire:

Não haveria Educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho: Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz de toda educação. (FREIRE, 1987, p.27)

É a partir da busca por suas respostas que Riobaldo tenta superar seus medos, ao tentar responder as suas perguntas e apaziguar seus dilemas. Conjuga o *movimento* do seu mundo interior; de suas abstrações com o que se passa no exterior, consoante os acontecimentos. Observamos que, em decorrência da vida e de saber-se inacabado, Riobaldo está sempre sujeito as mudanças o que resulta no processo de sua autoconstrução. Quanto a isto Rodrigues (2010) em sua tese vem nos dizer a respeito de Riobaldo que:

Por meio de um profundo e conturbado processo especulativo de apreensão da realidade, o jagunço Riobaldo transforma continuamente a antiga visão de si; isto é a visão de seu mundo interior e essencial e, conseqüentemente, a visão de seu Mundo exterior e existencial. (RODRIGUES, 2010, p. 1).

Sabemos que é em meio a diversidade com as pessoas que nos damos conta do nosso inacabamento, Riobaldo também no confronto com a diversidade dos seus companheiros, diz para o seu interlocutor em que consiste tais semelhanças com os companheiros, por isso chega a dizer: “Eu era igual aqueles homens? Era.” (ROSA 1986, p.180). No entanto, também se reconhece diferente dos demais, em outros aspectos por ele observado: “O senhor saiba: eu toda a minha vida, pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo”. (ROSA 1986, p.14)

Riobaldo demonstra possuir uma liberdade de consciência, com autonomia de pensamento, não se deixa influenciar, mostra-se capaz de tomar suas próprias decisões. São estes aspectos que, em Riobaldo o diferencia, destacando uma individualidade com características de um ser universal mas, ao mesmo tempo, comum. Sugestionado a traçar paralelos, o personagem-narrador estabelece comparações entre si e os sujeitos circunscritos em seu contexto, pois tem uma premente necessidade de se (re) conhecer diferente e singular. Por isso, esbarra no achado da sua incompletude humana.

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre o – senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (IDEM, 1986 p.14)

Observamos que o personagem se dá conta de que há sempre *mudanças* acontecendo; seja nas adversidades ou na *diversidade* e que a culminância da *consciência de si, do outro* e do *mundo* a sua volta, conflui para uma certeza: o *inacabamento do ser*.

Paulo Freire ao abordar o *inacabamento do ser* defende que, “este é a condição humana fundante da educação e é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes” (FREIRE, 2005, p.143). Vemos que a literatura versa sobre este saber de forma lírica, poética e encharcada de sentimento, o que redimensiona o nosso entendimento acerca deste saber ao concebê-lo do ponto de vista pedagógico.

2.1 O saber escutar

Entre o personagem-narrador e um ilustre doutor (médico), de passagem pela região no cumprimento do seu ofício, estabelece-se atitudes cambiantes – falar e escutar que, configuram-se no diálogo entre dois sujeitos. Sabemos que o processo de comunicação entre duas pessoas só se efetiva numa perspectiva de reciprocidade. Para tal, é necessário, ao interlocutor do Diálogo, saber escutar. Segundo a abordagem freireana o diálogo se processa a partir de elementos estruturais, em que estes pressupõem:

A humildade - (interagir de igual pra igual), “ouvir supõe a humildade de reconhecer que o outro pode está dizendo coisas importantes, mesmo que não sejam eruditas.” (GADOTTI, 1996 apud SANTOS, p.178) “o senhor me ouve” (ROSA, 1986, p.96)

O amor – Santos (1978) defende que este sentimento é em suma uma emigração de si em favor do outro. Quanto a este sentimento, que perpassa o diálogo, em especial o ser que se coloca na posição de interlocutor, identificamos que Riobaldo reconhece no doutor (interlocutor) a presença deste sentimento, posto que, chegou a afirmar no desfecho de sua narrativa: “*Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto.*” (ROSA, 1986, p.568)

A solidariedade: o diálogo pressupõe o interesse em ajudar o outro, “e então me ajuda” (ROSA, 1986, p.96)

A reflexão – “o pensar e o repensar; constituem-se em uma reflexão sobre a palavra do outro á luz da cultura do interlocutor”. (GADOTTI, 1998 apud SANTOS, p.178) Nesse sentido, quando o interlocutor “rediz”, isto já implica em uma síntese de culturas, de conhecimentos e saberes entre os dois sujeitos deste diálogo.

O despojamento de si e interesse (do ouvinte) - esta qualidade está presente no interlocutor de Riobaldo em que este reconhece nele ao dizer: “o

senhor é homem de pensar o dos outros como sendo seu, não é criatura de pôr denúncia,” (Rosa, 1986, p.94)

A compreensão - Riobaldo sinaliza-nos que o seu interlocutor é compreensivo ao confessar: [...] “E as idéias do senhor me fornecem paz, principalmente a confirmação que me deu de que o tal não existe.” (Idem, p.39)

A amizade - no contexto da obra “amigo” e diálogo” são conceitos que se complementam e que se traduzem na amizade entre autor e personagem. Sabemos que a amizade requer fidelidade, o que determina a cumplicidade e reciprocidade da relação em que se enraíza o processo dialógico.

Sob esta ótica é que, se estabelece, de fato, o diálogo; em que o indivíduo, interlocutor, assume a posição de *sujeito da escuta* e não objeto da mesma. Saber escutar o outro deve consistir numa escuta que, signifique uma *escuta ativa* na sua essência; de modo que o indivíduo saiba se colocar nessa disposição. Em suma, pressupõe uma atitude que requer uma escuta atenta, consciente, sábia e amorosa.

Ao partir dessa premissa é que, *o sujeito da escuta*, condensa todos esses pressupostos do *saber escutar*, sintetizando uma atitude solícita e silenciosa, a ponto de emigrar de si para *o sujeito que fala*. São estas condições que permite ao sujeito da escuta mergulhar na dimensão do ser que fala, a fim de apreender o seu pensamento, a emoção que move o seu discurso; possibilitando captar suas idéias e os sentidos implícitos naquilo que se torna explícito em seu discurso. Desta maneira, é possível ao sujeito que ouve, inteligir acerca do que está sendo dito e gerar uma interação eficaz, cúmplice e satisfatória entre os sujeitos que dialogam. Quanto a isto Freire nos intera que:

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente, comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso fenece a comunicação. (FREIRE, 2005, p.117)

O que observamos na trama literária do Grande sertão: veredas é que o personagem-narrador assume esse Diálogo como uma necessidade vital de contar a sua história. Isto se faz determinante em Riobaldo. Nesta direção ele é movido a encontrar alguém que o entenda e o ouça com presteza.

Todavia, no desenrolar da narrativa, percebemos que apenas um dos sujeitos do suposto Diálogo é quem fala. Ao passo que, o seu interlocutor apenas ouve sem nos dá a conhecer nenhum vestígio de sua fala, enquanto resposta interativa. Depreende-se que, em se tratando do personagem que escuta, um ou outro gesto é captado pelo leitor apenas por alguns sinais de concordância ou supostas interjeições. No entanto, nós leitores apenas identificamos, a interação do ouvinte-interlocutor de forma sutil, por meio do discurso do personagem-narrador. Este é quem de fato sintetiza o personagem que o escuta, nos fornecendo algumas indicações a seu respeito. Até então, não nos causa surpresa por se tratar de uma narrativa na primeira pessoa, comum nos grandes clássicos da literatura.

Conforme a nossa leitura da obra, vemos que Riobaldo protagoniza este enredo com a força mobilizadora do seu discurso. Por outro lado, somente a partir dele e por meio dele é que, o leitor conhece pistas acerca de informações do personagem coadjuvante da trama literária de Grande sertão: veredas. Nela, como em todo Diálogo estabelecido entre duas pessoas, os dois personagens se apresentam num mesmo grau de importância para que haja enfim, o processo dialógico. Com isto, Guimarães Rosa transmite a natureza desse diálogo de forma envolvente, possibilitando apreender as nuances e os aspectos que subjaz uma escuta significativa proveniente de um *Saber escutar*, haja vista que, na teoria do diálogo o enredo converte-se em um monólogo-dialógico. Quanto a este, Santos (1978) versou em seu primoroso ensaio literário, ora abordado no presente trabalho.

Na análise vigente, observamos o Diálogo sob outra perspectiva: a do sujeito que escuta. Riobaldo, narrador, conduz e protagoniza o enredo, mas sabemos que há um sujeito que o escuta. Assim, Rosa, nos transmite por traz desse diálogo-monólogo os pressupostos que determinam o *saber escutar* enaltecendo a beleza que há na atitude de saber ouvir. O que mais nos impressiona é que esse saber escutar é desvelado a partir de uma relação entre duas pessoas de classes diferentes: um médico e um homem simples

na condição de jagunço mas que é portador de uma sabedoria de vida. Ocorre um intercâmbio entre as suas duas culturas, a rural e a urbana por via desse diálogo, o que resulta respectivamente em uma síntese. Na verdade, o que nos surpreende é perceber que, esse Doutor é o próprio autor da obra o qual solicitamente se dispõe a escutar Riobaldo, chegando a inspirar uma verdadeira doação de si.

Nos meandros da narrativa, encontramos o ponto culminante do texto que assinala o modelo de diálogo que se caracteriza formalmente como monólogo; inspirado pelo autor, o qual indica através do personagem as suas próprias especulações e opiniões acerca da vida. Desvela-se para nós mais um *saber* na fala de Riobaldo de natureza pedagógica sobre os quais investigamos. Este consiste em *Saber escutar*, que integra a Pedagogia da autonomia. O que nos causa surpresa é que, este *saber escutar* é incorporado e tratado por Rosa de forma genuína, trazendo os pressupõe da atitude de quem se coloca na posição de saber escutar. Ouçamos Riobaldo que introduz, em sua fala, essa perspectiva para nós: “Sendo isto. Ao doido doideira digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa e rediz e então me ajuda”. (ROSA, 1986, p.79)

Conforme observamos, os pressupostos do saber escutar se tornam notórios através da intensa chamada que faz Riobaldo, ao convocar o Doutor a ouvi-lo com plena inteireza e solidariedade. O personagem mesmo é quem define nas entrelinhas da sua fala, a qualidade que há de ter o do seu interlocutor: “*pensa e repensa e então me ajuda*”. (Idem, 1986, p.79)

Assim, num primeiro plano de análise, percebemos que, mesmo sendo de um grau de instrução bem mais elevado, o referido Doutor pára e se interessa em escutar, um homem simples, dando-nos a entender que se interessa em ouvi-lo porque acredita que poderá aprender com ele. Nesse sentido o doutor se coloca numa posição de aprendiz, numa relação horizontal que ressalta uma atitude de quem se porta de *igual pra igual*, embora tenha um nível intelectual superior a Riobaldo. Além dessa discrepância, há também o fato do Doutor-ouvinte ser de fora, estando de passagem. Apesar disso o personagem-narrador não se intimida, pelo contrário, se sente mais a vontade, em demonstrar uma certa segurança,

como se ele tivesse falando pra si mesmo. Logo, torna-se claro a idéia do monólogo na obra rosiana. É o próprio Riobaldo quem corrobora para nós em sua fala: “O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e longe se vai embora, é segundo proveito: faz”. (ROSA, 1986, p.39)

Riobaldo nos indica que o seu interlocutor se dispõe com paciência para ouvir seus relatos em pormenores, pois, o mesmo é exigente e não demonstra satisfação em falar com pressa. Na perspectiva do saber escutar, percebemos que o doutor está apto a lhe dar conselho e se coloca na disposição de escutá-lo para melhor compreendê-lo e poder de fato aconselhá-lo como o personagem-narrador assim o pede. Ouçamos Riobaldo:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos, servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir conselho. (Grifo nosso) Por daí então, careço que o senhor *escute bem* (Grifo nosso) essas passagens: da vida de Riobaldo o jagunço. (ROSA, 1986, p.202)

O personagem central assume a sua dificuldade de contar e entende que a mesma se dá em decorrência do seu pouco grau de instrução. Todavia não se deixa intimidar e confia que o doutor possa ultrapassar qualquer barreira desse gênero. Aqui se evidencia mais uma vez a qualidade de humildade do seu interlocutor ao se colocar de igual pra igual. É o próprio Riobaldo quem nos fala:

Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas importantes. E eu estou contando, não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço mas a matéria vertente. (ROSA, 1986, p.96)

Sob outra perspectiva de análise podemos dizer que a medida que fala, Riobaldo, realiza um exercício de liberação, ao colocar pra fora tudo o que lhe incomoda e causa torpor. Assim, ao longo da narrativa ocorre certo estado de catarse psicológica em que o seu interlocutor pode ser visto como uma espécie de psicanalista. A respeito deste aspecto, Santos (1978) escreveu que: “como ser de convivência o homem se realiza no encontro inter-humano [...] mais liberto ou adulto é o homem que logrou mais

encontros, plenos ao longo da vida.” Em outras palavras, Riobaldo nos adverte e pede confirmação ao seu interlocutor: “Mire e veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. PARA ISSO É QUE MUITO SE FALA?” (Grifo nosso). (Rosa, 1986, p.37)

Riobaldo relata ao doutor o seu conceito acerca de amizade; como quem faz uma declaração, por acreditar ter encontrado nele um amigo. Assim, juntamente com o doutor-interlocutor, nos coloquemos na atitude de quem *sabe escutar* para com Riobaldo alcançar o seu sentido de amizade:

Amigo para mim, é isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, de igual para igual, desarmado. O de que um tira prazer de está próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é. (ROSA, 1986, p.171-2)

Podemos dizer que a citação em relevo, sintetiza muitos dos pressupostos do saber escutar. Riobaldo ao dizer: “*amigo para mim é isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar de igual pra igual*”..., através da sua fala, nos transmite que na condição prévia da amizade, está implícito a empatia, a afinidade na qual se constrói o diálogo que se alicerça e edifica-se na escuta ativa. Decorre que, é precisamente nas relações de amizade em que realmente aprende-se a exercer este *saber escutar*, para poder escutar também na diversidade e construir o diálogo nas diferenças.

Outrossim, para Riobaldo a amizade pressupõe sacrifício: “e os todos *sacrifícios*”; nos dando a entender que, o prazer de escutar; ou seja, de ser escutado passa também pelo sacrifício de si caracterizando a doação, para desembocar na satisfação, gerada pela compreensão de uma firmada cumplicidade. Riobaldo prossegue e nos direciona a outra opinião ao dizer: “Ou- amigo- é que a gente seja, mas sem precisar saber o porquê é que é.” Aqui, torna-se claro a amizade entre autor e personagem diluída no rio enigmático que é Riobaldo, sempre arrastado pela correnteza de suas adversidades nas ambigüidades de sua densa história em relato.

Vemos que, Rosa disfarçando-se de Doutor (interlocutor-fictício) que está de passagem, para ouvir o seu complexo personagem, nos mostra a beleza genuína desse *saber escutar*; inspirada em uma confiança fraterna, solidária e amorosa que vai de encontro ao “homem humano” num diálogo-

escuta efetivamente humanos. Assim, a fusão Rosa-Riobaldo se faz escuta e se faz diálogo, uma vez que, é o próprio autor quem escuta o personagem.

Percebemos que é a partir dessa escuta solidária que o personagem Riobaldo ganha vida; haja vista que o autor lhe outorga a sua palavra, o seu verbo na densidade da força do seu discurso.

2.3.1 Identidade cultural

O personagem Riobaldo personifica três dimensões que constituem a identidade com o Sertão mineiro: a *linguagem*, a *religião*, a *relação do sertanejo com a terra* (a fauna e a flora) principalmente na expressão do trabalho. Todos esses aspectos estão relacionados de forma intrínseca, sendo intuídas e assumidas pelo personagem-narrador como sujeito que traz em si a sua identidade cultural. Riobaldo assume essas dimensões da cultura ao viver em seu contexto regional, as experiências de vaqueiro; (enquanto vivia na Faz. do seu padrinho Selorico) homem letrado; (estudou no Curralinho) e jagunço (na epopéia de suas travessias pelo sertão)

Percebemos que as dimensões, ora referidas, conferem ao sertanejo espírito de luta, o que lhe permite relacionar-se com o seu mundo e receber as influências da cultura. Constatamos que o mito (a questão do pacto com o Demônio) está muito arraigado na cultura de Riobaldo. Outro aspecto que identificamos é que o homem sertanejo é parte de uma tradição que o condiciona e o motiva a ser valente, corajoso e astucioso. Riobaldo foi perpassado por esta tradição, identificada por nós na passagem em que ele ao ficar sobre a tutela do seu padrinho, é influenciado a ser corajoso, manejar as armas e adquirir habilidade: “Queria que eu aprendesse a atirar bem, e manejar porrete e faca. Me deu logo um punhal” [...] (ROSA, 1986, p.105)

Observamos que, em Riobaldo a ligação com a terra, o seu meio se fazem muito forte. Relaciona-se com a natureza, (fauna e flora) como se ela fosse parte dele e pudesse lhe dar respostas. Ele mesmo identifica os costumes da vida sertaneja, do homem trabalhador que é retratado no vaqueiro, na luta diária ao lidar com o gado. O próprio Riobaldo se faz contemplativo, admirando a cena que nos retrata:

[...] A lua o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante a madrugada o madrugada, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; o que ele responde é a coragem minha (ROSA, 1986, p.289)

Ressaltamos que todas as dimensões da cultura, configuradas no cenário da região mineira é o que possibilita a autoconstrução de Riobaldo bem como a capacidade de interferir na sua cultura e também a (re) construir. Assim, Riobaldo reage às contradições do seu meio e é o trabalho que viabiliza a incansável busca pela superação em face das dificuldades enfrentadas nessa relação com o Sertão. Riobaldo no seu contexto, (rural) apesar de ser acostumado a sempre trabalhar na lida da fazenda, teve uma curta experiência como professor. Depois dessa experiência, Riobaldo assume sua escolha de ingressar no sistema jagunço e define para nós mais uma representação da cultura local que era o sistema jagunço: “Tudo era morte e roubo, e desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espalhou nos gerais”. (IDEM, 1986 p.43)

Podemos afirmar que, o personagem-narrador, na luta pela sobrevivência a partir da sua relação com o trabalho se faz sujeito de sua própria assunção ³. Observamos que esta assunção de si constitui a identidade cultural de todo indivíduo em consonância com as pessoas e o mundo.

Neste sentido, enquanto sujeito de ação, Riobaldo assume-se como *sujeito histórico* que interfere no seu contexto e vai aos poucos conquistando sua assunção cultural. Conforme observamos, o seu *estar sendo no mundo* perpassa tudo que lhe é característico do Sertão mineiro – cenário desse homem rústico, haja vista que, a cada momento específico, o ser humano está passando pelo processo de ser e se tornar mediante o confronto com as relações inter-humanas. Quanto a isto Freire nos diz que:

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem do conflito” entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. (FREIRE, 2005, p.42)

³ Conceito abordado por Freire em que o sujeito assume seus atos e se assume perante os outros.

Riobaldo na busca pela sua assunção cultural em meio as relações firmadas com as pessoas do seu meio demonstra possuir autonomia, consciência crítica e criatividade; tanto para comunicar a sua palavra, quanto para assumir-se enquanto sujeito da ação. O personagem-narrador nos passa a idéia de um homem rebelde que insiste em conquistar o seu lugar no contexto em que se insere. Acerca desta natureza rebelde que impulsiona o sujeito na conquista de sua auto-afirmação, vamos de encontro ao que Paulo Freire (1987) nos diz: “Quanto mais o homem é rebelde, indócil, tanto mais é criador, apesar de em nossa sociedade se dizer que o rebelde é um ser inadaptado” (FREIRE, 1987, p.32) Com certa rebeldia que denota sentimento e poder de decisão, o personagem-narrador chega a declarar que:

Queria eu lá viver perto de chefes? Careço é de pousar longe de pessoas de mando, mesmo de muita gente conhecida. Sou peixe grotão. Quando gosto, é sem razão descoberta, quando desgosto, também. Ninguém com dádivas e gabos, não me transforma. (ROSA, 1986, p.175)

A abordagem freireana nos diz que, a relação homem-mundo é de dominação, por sua vez, a relação entre os homens passa pelo processo subjetivo de reconhecimento. Vemos que, enquanto jagunço Riobaldo se reconhece e justifica pra si mesmo o vínculo com o seu ofício que determina a sua luta pela sobrevivência, encontrando aí a razão para lutar. Assim, ele nos justifica suas ações de jagunço como parte que integra a sua identidade cultural: “O que induz a gente para as más ações é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe”... (ROSA, 1986, p.96)

Sob a direção da fala de Riobaldo, conhecemos suas aventuras e desventuras de jagunço, quando ele evoca para a palavra suas reminiscências perpassadas de sentimentos e dúvidas. No esforço de sua narrativa, constatamos que, no personagem o vocabulário regionalista é expressão de sua identidade cultural. Nesta direção, Lima (1966) nos diz que:

A jagunçagem [...] se torna presença na memória, o que suscita tanto o recordar quanto o remorso. Tanto o saber quanto o se perguntar. A única solução agora está em limpar e pacificar as coisas convocando-as para a palavra. (LIMA, 1966, p.37)

Com efeito, observamos que, o vocabulário usado por Riobaldo através de expressões regionalistas ou simplesmente palavras, são inerentes ao linguajar das pessoas que integram aquele contexto. Constatamos que todo o vocabulário, típico da região em que se passa a história são absorvidos e empregados pelo personagem-narrador, representando um reflexo fiel da oralidade retratando o povo mineiro, como marca de sua identidade cultural. Logo no início do romance Riobaldo ao relatar um fato corriqueiro se refere ao povo das redondezas usando a expressão *povo prascóvio*⁴ e declara: “não tenho *abusões*⁵”.

A religião e mística são aspectos culturais determinantes em Riobaldo que identificamos nele do início ao desfecho do romance. A prática religiosa, as crenças, e as superstições nos fala de uma mística que alimentam a fé e os costumes do povo do sertão mineiro; sendo também vivenciados pelo personagem-central. Assim, vale lembrar que, Riobaldo, quando criança, vivencia estes valores religiosos. Ilustramos o episódio em que o mesmo vai pagar a promessa feita por sua mãe quando ele ficou curado de uma doença que o acometeu na infância. Outro fato que assinala a identidade cultural é que Riobaldo tem uma espécie de orientador espiritual: compadre meu Quelemém, com o qual tira suas dúvidas existenciais de conotação espiritual.

Riobaldo demonstra absorver toda a cultura religiosa que perpassa o sertão mineiro num sincretismo em que, o mais importante para ele, é alimentar a sua fé. Todas as religiões ali prefiguradas, das quais o personagem parece deixar-se seduzir, tem para ele sua importância. Deixamos a impressão de que, cada religião é válida e lhe traz serventia uma vez que busca encontrar em cada uma, o amparo para suas inquietações na busca de respostas às suas indagações. Assim ele nos diz:

Isso é que é a salvação da alma... Muita religião seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só pra mim é pouco. Talvez não me chegue – rezo cristão, católico, embrenho a certo... Tudo me aquieta, me suspende, qualquer sombrinha me refresca. (ROSA, 1986, p.15)

⁴ Tolo, ingênuo.

⁵ Crendice, superstição.

Como podemos observar, Riobaldo aproveita de toda a riqueza cultural difundida como manifestação de crença entre o povo mineiro. Quanto a este aspecto, que representa as tradições religiosas da sua identidade cultural, Brait (1982) nos diz em seu trabalho sobre Grande Sertão: veredas que:

As noções muito tênues de um catolicismo difuso se reúnem as crenças mais amplas da cultura caipira, as rezas dos protestantes e os ensinamentos do espiritismo. Tais noções religiosas são aprofundadas no nível da experiência de vida, e aqui aparece a perplexidade do homem que procura traduzi-las para uma formulação intelectual ("nessas altas idéias navego mal", dirá Riobaldo) (BRAIT, 1982, p. 89)

Em passagens que assinalam a identidade cultural religiosa, poderíamos pontuar ainda a questão do pacto com o demônio, questão que tanto inquietou Riobaldo do início ao desfecho do romance. Nisto consiste a dúvida maior do personagem-narrador. Como vemos esse questionar é a força condutora da qual vai decorrendo toda a narração. Vê-se que, esse pacto com o diabo, na verdade é rico em metáforas, mas consiste também, numa representação propagada pela tradição da cultura religiosa local. Esta crença popular, bastante difundida na cultura da região, significa que o sertanejo movido por um desejo, firmava um pacto com o Demônio em troca de algo.

As questões ambíguas que perpassa Riobaldo são fatores determinantes que o faz buscar e conhecer as diversas crenças religiosas, configuradas em seu contexto. O personagem busca apreender a partir da sua relação com o real (principalmente nas lutas de jagunço) buscando nas crenças as respostas para questões paradoxais. Como vemos, muitas de suas divagações são impregnadas de antítese (Deus, o diabo, o bem e o mal, o amor e ódio, etc). Assim, estabelece seus paralelos e conclui para si:

Deus é paciência. O contrário, é o diabo [...]. Deus não se comparece com refe, não arrocha o regulamento. Para quê? Deixa: bobo com bobo - um dia, alguma estala e aprende: esperta. Só que as vezes, por mais auxiliar, Deus espalha, no meio, um pingado de pimenta. (ROSA, 1986, p.16)

Rosa, ao falar do seu Riobaldo e da sua relação com o sertão, em meio a incertezas e contradições, abre os horizontes para a nossa

compreensão a esse respeito, ao salientar a *mística* e a *luta*, argumenta que: “todos do sertão sabemos querer atalhos. Queremos o mágico. O pacto. As supremas superações, a transvida”. (SANTOS, 1978, p.46) No que diz respeito a essa transvida, o autor referenciado esclareceu-nos em seu ensaio literário que: “Esta transvida, Rosa e Riobaldo buscaram entrevê-la juntos, num monólogo que é diálogo e diálogo libertador dos limites da própria configuração objetiva do sertão.” (Idem, 1978, p.46)

Observamos que a identidade cultural estrutura e desencadeia a temática do “Grande Sertão” da obra rosiana. Depreendemos que, a identidade cultural é tratada em sentido amplo; ganhando a dimensão da brasilidade cultural, da identidade, da cultura regional e da identidade do homem. Por essa magnitude, acaba adquirindo o sentido de cultura universal, uma vez que Riobaldo nos diz: “Sertão é dentro da gente, sertão está em toda parte”. (ROSA, 1986, p. 8) Em sentido regional, Rosa, sintetiza em Riobaldo muitos dos aspectos que constituem a identidade cultural mineira, inclusive (para além das entrelinhas) a sua cultura (urbana).

Nesta perspectiva, o autor de Grande Sertão: veredas no desenrolar da trama, promove à *assunção da identidade cultural* do personagem-narrador de forma poética, em sua “travessia humana” pelas veredas do sertão mineiro. Vemos que o romance épico rosiano nos abre os horizontes para lançar um novo olhar acerca de outras identidades culturais que dizem respeito ao homem em diversas partes do mundo.

Percebemos que a obra Grande Sertão: veredas está imbuída de muitos saberes. No entanto, nos detemos em focar a nossa análise, a respeito da presença dos saberes: o *inacabamento do ser*, *saber escutar e identidade cultural*, os quais compreendem as interfaces da exigência do “saber ensinar”, postulados pela Pedagogia da Autonomia. Quanto a estes saberes, fica comprovado com base no que foi exposto e elucidado no capítulo acima, que os mesmos foram desvelados na obra em questão e devidamente analisados. Assim, observamos que a tríade destes saberes versados na obra clássica literária de Guimarães Rosa estão em consonância com os saberes que integram a Pedagogia da autonomia do educador Paulo Freire. Podemos concluir que os saberes literários analisados na obra em relevo se inter-relacionam com os saberes da abordagem freireana. Assim, os

saberes literários enriquecem os saberes pedagógicos, de modo a (re) significá-los e redimensioná-los.

3. CAPÍTULO : CAMINHANDO COM FREIRE NO SERTÃO

3.1 O Ser-tão e o Ser mais

A análise realizada em Castro (1976) que, em seu trabalho discorre sobre Grande Sertão: veredas e o significado desse Ser-tão nos permitiu compreender que Rosa empregou a palavra Sertão adotando três acepções distintas. Na primeira acepção, o personagem-narrador nos faz apreender o Sertão de forma concreta, como determinado espaço físico-geográfico, referindo-se aos limites territoriais do sertão mineiro. Assim, o personagem reproduz a sua opinião e nos situa no sertão terra, demarcado geograficamente; embora sabendo que há opiniões divergentes, Riobaldo define o sertão: “O senhor tolere, isto é o sertão, uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia”. (ROSA, 1986, p.07)

A segunda acepção sobre o Sertão é de ordem mais complexa, em sentido mais abstrato; pois está relacionada com o que é mutável e ambivalente. Nesse sentido, Lima (1966) faz uma ressalva de que: “Não se trata de uma visão psicológica da terra Sertão. É a sua própria realidade que se transmuda nesta segunda dimensão.” (Idem, 1966, p.74). Nesta perspectiva, Rosa realça a luta do homem em meio às agruras do sertão; contraditório, inconstante, inapreensível e misterioso por natureza. O autor tenta mostrar que quanto mais o sertanejo busca dominar e saber sobre o sertão, mais ele lhe escapa. É nesse sentido que Riobaldo se expressa em tom de desabafo:

Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear dos lados. Sertão é quando menos se espera. Sertão é o sozinho. (ROSA, 1986, p.292)

Riobaldo chega a confundir-se, pois o Sertão ora parece real, ora parece imaginário ele mesmo sendo parte desse enigma sente dificuldade em defini-lo. No entanto, sua percepção não se apresenta diminuída. Assim, Lima (1966) nos ressalta: [...] “O Sertão é isto e aquilo, suas partes são mágicas e são reais. Confundem-se. É um torvelinho. Como a própria vida a que refluirá. Riobaldo assenta no meio da existência”. (Idem, 1966, p. 75)

Nesta confluência, fica claro que o tema da obra é o Sertão, porém há uma visão original de Rosa, insinuada nas metáforas, em que o Sertão assume outro sentido: o Ser-tão. Com esse propósito o autor de Grande Sertão: veredas leva-nos a buscar uma apreensão acerca do significado desse Ser-tão. Castro (1976), nesta direção corrobora:

[...] O grande tema é o sertão. Porém, como o conceito apresenta mais de uma acepção, o autor o distingue e o realça pela antecipação do adjetivo grande. Isto nos leva a interpretação de que, fundamentalmente, ele trata agora do sertão como sendo a vida, a totalidade do Real, ele fala do Ser-tão. (Idem, 1966, p.44)

Neste sentido, esse Ser-tão de Rosa-Riobaldo, se desvela como a ampla realidade que se insurge diante do homem, enquanto possibilidade de extrapolar um simples espaço físico. Assim, o Ser-tão engloba o sertão geográfico dentro de um contexto maior que é a vida, em sua total realidade. Riobaldo enquanto sujeito histórico interfere no seu mundo, apropriando-se da totalidade do real. Ciente do seu inacabamento é também impulsionado a lutar pela sua condição humana de *ser mais*.

Por conseguinte, este Ser-tão de que trata Guimarães Rosa na obra literária em foco, converge para outra concepção a qual Paulo Freire, em sua abordagem pedagógica denomina de *ser mais*. O referido educador postula que, este *ser mais*, consiste em um movimento de busca que é inerente a natureza histórica do ser humano, fazendo parte da imanente vocação do homem à sua humanização. Nessa perspectiva, a abordagem freireana defende que:

A vocação para a humanização [...], é uma característica que se expressa na própria busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se

curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade. [...] (FREIRE, 2005, p.83)

Com base, nas referidas apreensões, acerca do significado desse Ser-tão e do *ser mais*, podemos dizer que, ambos se inter-relacionam e se complementam uma vez que, faz parte dessa relação homem-mundo, a construção de si mesmo e do seu contexto histórico, enquanto possibilidade sócio-histórica. Considerando a articulação ora estabelecida, Freire (2005) nos remete ao Ser-tão de Rosa, afirmando que:

A concepção e a prática [...] problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também é igualmente inacabada. (Idem, 2005, p.83)

Sob a perspectiva da aliança firmada entre literatura e Educação, constatamos ainda que, o *ser mais* também se desvela para nós na fala de Riobaldo. Este, ao estabelecer suas reflexões ambivalentes, sabendo-se inacabado, ambiciona conquistar o seu *ser mais* e por isso nos revela: “Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. Deus ou o Demo? [...] E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais- Alma e palma e desalma...” (ROSA, 1986, p.318)

Neste sentido, entendemos que o homem dotado da possibilidade de *ser mais* realiza essa busca a partir da relação com o mundo em que está inscrito. A obra rosiana apreende a totalidade da vida na perspectiva do Ser-tão, ao passo que, a Pedagogia freireana concebe o *ser mais* como *um chamado inerente a vocação do homem no mundo (ser-tão)*; num movimento constante de busca rumo a esse *ser mais*, a respeito Freire nos diz que:

[...] não há homem sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados. (FREIRE, 2005, p.85)

Na análise empreendida percebemos que há uma correspondência entre o Ser-tão de Rosa e o *ser mais* de Freire e que estas concepções co-

existem para o homem. Estas são consideradas pelos referidos autores -seja implícita ou explicitamente nas obras em questão - como possibilidades imanentes a condição humana; a partir das quais, surgem e se insurgem as situações da qual partem os homens. É o permanente movimento desse sujeito que é histórico que faz o seu “aqui” e o seu “agora” que determina a busca desse *ser mais* em meio ao *Ser-tão (mundo)*; resultando em transmutações, oriundas das mudanças, que ocorrem tanto no homem quanto no mundo.

3.2 A Travessia de Rosa e a Andarilhagem de Freire

O personagem Riobaldo é o protagonista da Travessia do autor Rosa. Este por apreender a realidade da vida e a complexidade da subjetividade humana, deixa implícito nessas duas dimensões dos sentidos que comportam a palavra Travessia, dentro do enredo literário da obra. De acordo com essa analogia, Rosa nos transmite duas possibilidades de compreensão acerca da concepção da Travessia que ele discorreu de forma literária. Em sentido figurado, travessia consiste em atravessar determinada região, espaço físico-geográfico; ao passo que, em sentido conotativo esta travessia é também realizada pelo homem (Riobaldo) em seu interior, em suas lembranças. Observamos que o personagem narrador, ao percorrer o sertão em suas aventuras de jagunço, realiza esta travessia transitando de um lugar para outro sertão, a dentro. Nessa travessia exterior, Riobaldo não encontrava segurança nem tampouco certezas uma vez que pouco sabia desse Sertão que ele atravessava em suas andanças. Assim, nada lhe dava firmeza. Riobaldo corrobora para nós, ao confessar para seu interlocutor que realiza esta travessia no sertão:

O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo de raiz? Não se tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve. Isto é assim. Desde o raiar da aurora o, o sertão tonteia. (ROSA, 1986, p.239)

Conforme Riobaldo vai realizando essa travessia pelo Sertão dentro e fora e por está sempre movido pela dúvida, ele se volta para si e também realiza a travessia em seu interior, em suas lembranças. Assim, a travessia acontece em sentido bidirecional. No atravessar dos “seus mundos” - o interior e o exterior; o personagem reflete acerca de questões ambivalentes (o ódio, o amor; a justiça e a injustiça, Deus e o Diabo, etc.) e se dá conta de

que sabe muito pouco sobre si e o Sertão de sua Travessia. Por não encontrar respostas para os seus questionamentos e ter escassas certezas Riobaldo ao falar de Sertão, admite saber muito pouco e declara:

[...] Vou lhe falar, lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande Sertão. Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. (Idem, 1986, p. 79)

Embora viva no Sertão, Riobaldo pouco sabe a respeito dele e sobre si; por isso indaga, questiona e está sempre duvidando. Assim, demonstrando a necessidade que tem de conhecer sobre o Sertão, descobre que a única maneira possível é se relacionando com o Real através de seus questionamentos, porém continua sem saber. Quanto à natureza indagadora de Riobaldo, Castro (1976) nos afirma que: [...] Todas as indagações não lhe dão certezas, a não ser de que fez um trajeto, percurso da indagação de que resultaram... “Só essas poucas veredas, veredazinhas”. (CASTRO, 1976, p.44)

Conforme a afirmação de Castro (1976), depreendemos que, Rosa ao utilizar-se da expressão veredas através da narrativa de Riobaldo nos logra a interpretação de que, é como se o personagem quisesse nos dizer: “sei apenas umas poucas certezas, certezinhas”. Observamos que, o personagem-narrador se dá conta de que sabe muito pouco acerca do Sertão e demonstra um desejo inquieto de conhecer; quer saber do seu Sertão e, por conseguinte, sobre ele mesmo. Neste sentido, Riobaldo nos remete ao conceito de veredas que está relacionado com a concepção da Travessia de Rosa. Quanto a este conceito, Castro (1976) ainda nos oferece duas possibilidades de apreensão, que representam:

[...] Na paisagem geofísica as veredas são uma garantia e certeza de vida dentro do inóspito sertão. No segundo sentido, o da busca humana, elas simbolizam o alcance da compreensão de que os homens necessitam para não serem tragados pelo enigma do sertão. As veredas como oásis ou riachos tornam-se o símbolo da travessia: única certeza vivencial. (CASTRO, 1976, p.45)

Compreendemos que, o objetivo da realização da Travessia de Riobaldo é encontrar respostas para suas dúvidas, as questões ambivalentes

que carrega dentro de si e os conflitos existenciais que perpassa o personagem–narrador. O que mais intriga Riobaldo, no percurso de ambas as travessias, é o fato de não conceber que no homem possa coexistir o bem e o mal. Assim, Riobaldo indaga acerca das questões ambivalentes da complexidade humana as quais identifica em si e também nos outros; isto o induz a refletir, ao conjugar seu mundo interior com o exterior realizando “suas travessias”.

Constatamos que Riobaldo cumpriu essa travessia, quando ao encontrar as respostas para os seus questionamentos, suas dúvidas; chega então a um consenso que esbarra seus conflitos, desvanece seus medos e angustias. A resposta para os seus dilemas consistia na descoberta do “homem humano”. Assim, no momento em que o personagem afirma: “Existe é homem humano.Travessia.” (ROSA, 1986, p.460) se desvela para nós o significado do “homem humano” o qual se elucida no momento em que Riobaldo se dá conta de que, é exatamente porque é humano que o bem e o mal coexistem dentro do homem; “nos avessos do homem”. É como se Riobaldo, ao chegar a essa certeza passasse a se aceitar, se desculpar; desculpar seus atos de outrora, por entender que é humano. Isto constitui para ele a maior das novidades que ocupa em definitivo sua consciência; é quando sua incerteza se esvai para dá lugar a certeza que clareia e esclarece tudo, reluzindo em suas idéias. Ao chegar a esse consenso, demonstra-se aliviado e repleto de satisfação, por isso não parava de pensar no achado da certeza enaltecida: “[...] E, o que eu fazia, era que eu pensava sem querer, o pensar de novidades. Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas idéias [...]” (ROSA, 1986, p.321).

Nesta mesma direção percebemos que Paulo Freire, assim como Riobaldo, também se dá conta das atitudes imprevisíveis e contraditórias que o homem está sujeito, em virtude da ambivalência, inerente ao ser humano. É por isso que ele, enquanto homem e educador chega a um consenso sobre a sua natureza humana, o seu “homem humano” e declara:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de

sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. [...] (FREIRE, 2005, p.52)

Percebemos que, através de Riobaldo, personagem-central da obra Grande Sertão: veredas, Rosa nos transmitiu a concepção de Travessia, percorrida de forma literária na substância do enredo. Por sua vez, o educador Paulo Freire também utilizou-se de uma concepção que se assemelha com a Travessia, elucidada neste trabalho. Na abordagem freireana o sentido de travessia é denominado de Andarilhagem. Esta concepção surgiu no decorrer da história de vida de Paulo Freire, em decorrência de suas experiências pessoais que também diz respeito ao percurso da conquista de sua assunção como educador, face as suas lutas, que o levou, a princípio, a andar muito pelo sertão nordestino. A partir dessa perspectiva, Paulo Freire foi considerado o *andarilho da utopia*. Quanto ao termo Andarilhagem que, segundo nossa análise, também vai de encontro ao *sentido* de Travessia, é Streck (2008) quem nos esclarece:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados, e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960- os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (STRECK et all, 2008, p.40)

Com efeito, a concepção Andarilhagem na abordagem freireana, também comporta os sentidos conotativos e denotativos da travessia de Rosa, uma vez que, Paulo Freire face as suas experiências educativas está sempre andando, transita de um Estado para outro, e parte de um não saber para um saber como andarilho da utopia.

Os rastros que seguimos de Riobaldo colhendo as pistas para entendermos sobre os significados da concepção da travessia de Rosa nos levou a perceber que o mesmo também realiza a andarilhagem de Paulo Freire. Todavia, no limiar de certezas a que chegou Riobaldo, no fim do romance, defendemos que ele realiza apenas uma de suas travessias pelo fato de que enquanto seres inacabados continuamos na busca do nosso *ser*

mais; numa contínua travessia na conquista de nossa humanidade, pois para Freire:

Em cada ponto de nossa vida, não somos ainda tudo o que poderíamos ser e o que ainda poríamos vir a ser. Para nós seres humanos o processo de conquista de nossa humanidade nunca está pronto. Nenhum humano é jamais tudo o que pode ser. Há sempre mais a saber, a amar e a fazer. O humano jamais acaba de tornar-se humano. (IDEM, 2008, p.228)

Em outras palavras, podemos dizer que Riobaldo, ao concluir que: “existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 1986, p.568), se dá conta de que o homem busca *saberes*, busca o seu *ser mais* em meio ao *Ser-tão*. Busca pelo homem humano no percurso de sua Travessia, na imensidão deste Ser-tão (mundo).

Assim como Riobaldo realiza uma travessia pelo sertão terra e pelo Ser-tão alma, Paulo Freire, como andarilho da utopia, realiza por sua vez uma andarilhagem que se inicia a nível nacional e mundial, no sertão do Rio Grande do Norte na cidade de Angicos. Após o golpe militar de 1964, Freire e sua família vivem a experiência de andarilhagem no exílio: Chile, Bolívia, Estados Unidos da América como membro do departamento de educação do conselho mundial de igrejas. No retorno do exílio Freire continua fiel à sua vocação de andarilho da utopia, visitando universidades e acampamentos do MST, no Rio Grande do Sul. Em Freire, essa Andarilhagem assume também o sentido de Travessia interior pelas veredas da esperança, da amorosidade e da utopia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho monográfico nos permitiu constatar que há uma relação de pertinência entre os saberes literários percorridos no romance épico *Grande Sertão: veredas* com os saberes e concepções da abordagem freireana, principalmente com aqueles que são tratados na obra *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. A tríade dos saberes desvelados: *o inacabamento do ser*, *o saber escutar* e *a identidade cultural* compreendem as interfaces da exigência do “saber ensinar”, postulados pela *Pedagogia da Autonomia*. Podemos afirmar que, estes saberes diluídos na literatura enriquecem os Saberes e a *práxis* pedagógica de modo a (re) significá-los e redimensioná-los uma vez que encharca de sentimentos às concepções que norteiam a prática. Logo, inspira os atores envolvidos no processo educativo a exercerem um protagonismo humano e humanizador, porque amplia a percepção e aprimora a sensibilidade em prol de uma Educação com alma.

Ao reconhecer as amplas possibilidades que o sujeito dispõe para sua autoconstrução numa respectiva busca de educar-se, acreditamos que a Educação por meio da literatura possibilita ao leitor identificar-se com os diversos aspectos que permeiam a constituição humana e dizem respeito ao contexto de vida do sujeito. Assim, a arte literária por trazer a alteridade de temas diversos que suscita reflexões pertinentes ao processo educativo do indivíduo, representa para nós uma das veredas da Educação, de que dispõe o indivíduo. Neste sentido, ao esbarrar em questões e dilemas advindos dos personagens da obra literária, a multiperspectiva de temas que emergem, conduz o sujeito a uma interiorização; pois favorece o pensamento crítico reflexivo, possibilitando o desvelar da alma em virtude de uma travessia da leitura consoante às experiências educativas fundamentadas na dialogicidade; como forma de conhecer a si, o outro e o mundo. Adotar a obra *Grande sertão: veredas* como objeto de estudo no intuito de desvelar saberes necessários à prática educativa nos fez perceber que tanto no enredo fictício, quanto na realidade identificamos um ser humano inacabado em busca de sua identidade cultural pelas veredas do Grande Ser-tão (mundo). Defendemos que Literatura e Educação devem constituir-se numa relação de sinergia, contribuindo para a formação integral tanto do educando quanto do educador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: EDUNESP, 2006.

BRAIT, Beth (Org.). Guimarães Rosa: seleção de textos, notas, estudos bibliográficos, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1982. (Literatura comentada).

CASTRO, Manuel Antônio de. O homem provisório no Grande Sertão, um estudo de Grande Sertão: veredas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática Educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005a.

_____. Pedagogia do oprimido. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.

_____. Educação e mudança. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Educação, 1987.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

GOLÇALVES FILHO, Antenor Antônio. Educação e Literatura. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIMA, L. Costa. Por que Literatura? Petrópolis: Vozes, 1966.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. O léxico de Guimarães Rosa. 2. ed. São Paulo: FAPESP/ EDUSP, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RODRIGUES, Francesco Jordani. Pelas veredas do *grande sertão* – perguntas e olhares de Riobaldo. < www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa6/7.html >. Acesso em: 22 jun2010.

SANTOS, Paulo de Tarso. O diálogo no Grande Sertão: veredas. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Paulo de Tarso. O Sr. Sabe o que está falando?. In: GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

STRECK, Danilo R. et all (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.